

# A retomada da utopia da cultura

Brasília foi criada para realizar uma utopia cosmopolita da integração da cultura regional e sua transcendência no diálogo com o mundo

JOSÉ JORGE DE CARVALHO (\*)

Tal como concebo, o maior predicamento da questão cultural em Brasília data da própria criação da cidade. Feita às pressas, a cidade não contou, em sua fundação, com uma *entourage* de artistas e intelectuais que acompanhassem os pedreiros, engenheiros, comerciantes, militares, políticos e funcionários públicos que para cá se deslocaram com a finalidade primeira de melhorar de vida, material e profissionalmente.

Diferentemente de D. João VI, que patrocinou as artes, Juscelino Kubitschek preocupou-se fundamentalmente com a construção material de Brasília, deixando para os que o seguiram a difícil tarefa de implementar, ainda que minimamente, os ideais de expressão cultural, supostamente cosmopolitas, da nova capital do Brasil. O período da ditadura militar veio agravar ainda mais em si o já difícil processo de surgimento e consolidação, a partir de condições precárias, de uma cultura local, a qual se esboçou em alguns poucos pontos da cidade, principalmente na Universidade de Brasília. De fato, a UnB é possivelmente a única instituição criada na nova capital com o fim precípua de expandir o saber e a arte no país e daí a enorme responsabilidade que carrega para com o desenvolvimento cultural da cidade.

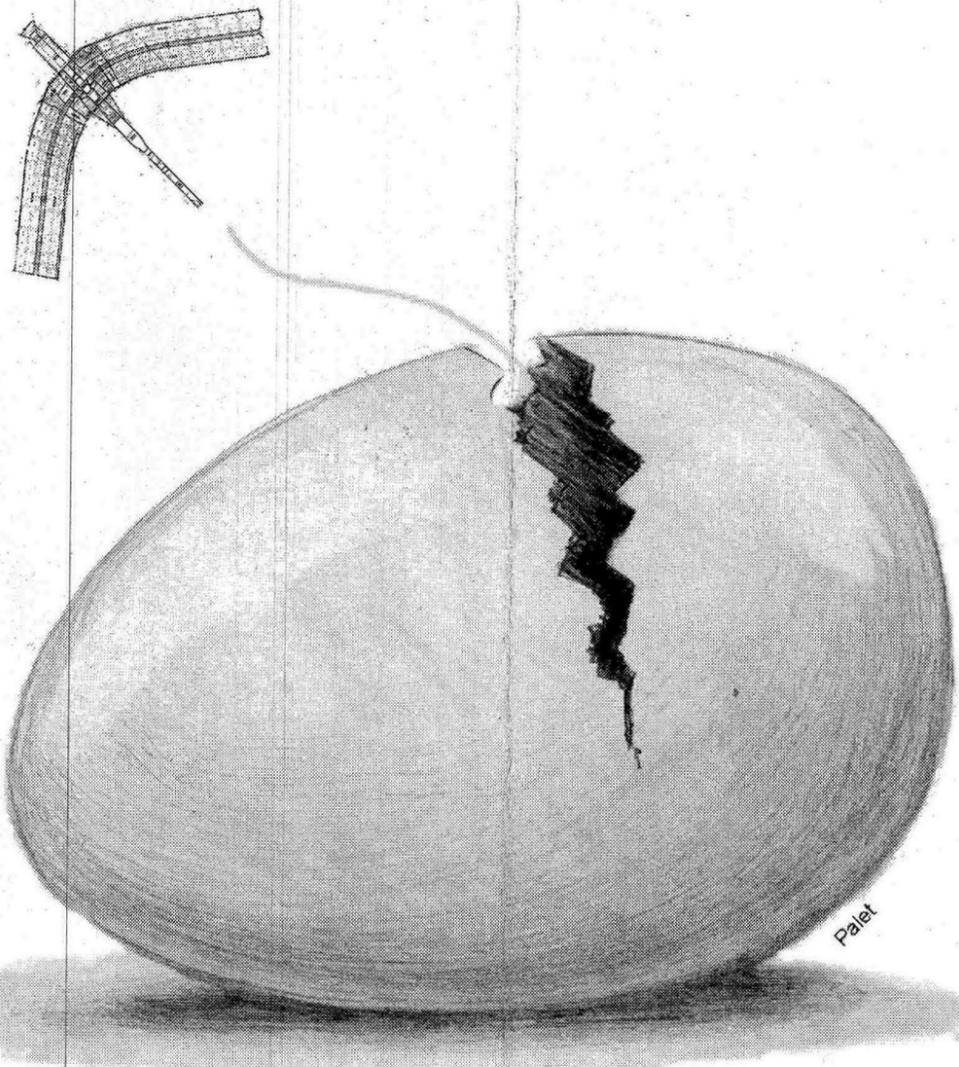
Influenciada diretamente pela história recente do Brasil, Brasília foi construída em cima de uma série de mitos e símbolos oficiais que até agora só têm sido utilizados para expressar os interesses da elite do poder. O que se necessita com urgência é abrir espaços que possibilitem revisitar esses mitos, reinterpretá-los sobretudo aos olhos de outros segmentos sociais, sejam as classes populares, os artistas, os intelectuais, etc, enfim, prover as condições para o desenvolvimento da crítica, sem a qual nenhuma criação verdadeira é possível. Não se trata de destruir os símbolos básicos da cidade, mas de tomar liberdade com eles, ampliar o seu leque de significados e enriquecer o seu número; enfim, instaurar pela primeira vez uma arena para a disputa civilizada de valores contrastantes.

Tal como se apresenta hoje, a cultura local brasiliense tem sido construída em cima de duas nítidas formas de dominação, uma predominantemente política e a outra basicamente estética. No primeiro caso, há que reconhecer a enorme influência que a classe política, aqui concentrada, exerce sobre as alternativas de expressão dos bra-

silienses. Ainda ligado diretamente ao plano político oficial, está a questão da apropriação e do controle físico, estético e ideológico dos monumentos concentrados do Plano Piloto, dos quais depende integralmente a auto-representação da cidade. Complementares à manipulação exclusivista e opressora dessa linguagem monumental, estão as manifestações da cultura burguesa legitimando a importância social de uma elite (empresarial, comercial, militar, política) que, devo dizer, é extremamente ineulta, se avaliada em termos dos próprios padrões de cultura que escolheu utilizar como seus símbolos máximos de status.

Articulando esses planos de dominação acima referidos e procurando dissolver os evidentes conflitos decorrentes da restritiva auto-imagem da cidade, estão os segmentos condensadores e difusores de significado, como os jornais e as rádios locais, aliados quase incondicionais da elite política e econômica de Brasília.

Para dar um exemplo, o jornalismo local se sente perfeitamente à vontade para discorrer paternalisticamente sobre a suposta breguice da cultura popular industrial consumida nas satélites (como os vários gêneros do tipo sertanejo); enquanto todos os concertos de música clássica realizados são indistintamente julgados excelentes. Ou seja, em Brasília, a cultura emblemática da elite está demarcada por um universo significativo pateticamente auto-referente e provinciano: sua mera existência já lhe confere grau de qualidade



e bom gosto. Se exclui a breguice das satélites em nome de valores estéticos ditos cosmopolitas, não consegue a elite de fato atualizá-los ao encaminhar sua própria produção cultural, que acaba de fechada aos critérios internacionais de avaliação pelos quais deveria, por princípio, se definir. Desta maneira, contribuem para a perpetuação do provincianismo e da cultura global em todo o Distrito Federal, pois legitimam quando deveriam criticar e excluem quando deveriam incluir, criticamente.

Neste contexto, regionalizar implica ter o direito, por exemplo, de questionar, estética e ideologicamente, o atual conteúdo da exposição dos monumentos da cidade. Na medida em que foram concebidos segundo uma intenção estética, a maioria dos monumentos brasilienses existem para serem apreciados. Contudo, até agora o campo para livre expressão do juízo das pessoas sobre os resultados alcançados por

essas obras tem sido mínimo; como no caso da cultura burguesa antes mencionado, só circula a avaliação oficial. Com quem, reclamar, por exemplo, das horrosas cadeiras de plástico da catedral, mantidas autoritariamente nos seus lugares pela cúpula do poder? E o Memorial JK, cujo acervo exibido, de mau gosto impressionante é flagrantemente manipulado para fins de promoção de segmentos políticos específicos? Quando poderão os outros segmentos de habitantes ter voz na escolha do material histórico aí apresentado? Ainda ligada à história da cidade, é importante que se ampliem

as sagas heróicas de fundação do Distrito Federal. Este é e sempre será o tema vital para a expressão cultural brasiliense, que crescerá somente na medida em que certas sagas sejam reinterpretadas e outras criadas, de forma a gerar um solo simbólico a uma só vez mais mítico e mais histórico.

Se há problemas com a estética monumental oficial, há outros igualmente agudos com as concepções de gosto e valor subjacentes às realizações da iniciativa privada. Vale a pena observar os nomes de alguns dos novos blocos residenciais, definido como de luxo para constatar que estamos avançando no estabelecimento de uma cultura do kitsch novo-rico que longe está da suposta autenticidade formal prevista no ideal modernista.

Contudo, a cidade vê surgir ainda vários grupos semi-autônomos e nas mais das vezes temporários, que buscam produtoras de vídeo e filme, os grupos de dança,

de teatro, de rock, etc. Na medida em que não encontram o apoio devido, tendem a dissolver-se antes de conseguir desenvolver plenamente seu potencial, ou então seus integrantes ragem como típicos habitantes de qualquer província geográfica brasileira: mudam-se para o eixo Rio-São Paulo em busca da realização que aqui lhes foi negada. A atenção a esses grupos é tarefa crucial para uma renovação da produção cultural em Brasília.

Uma cultura crítica, experimental, criativa, plural em seus valores, eis o que imagino como resultado de uma nova intervenção do Estado no atual quadro de comunicação e cultura em Brasília. Não se trata de simplesmente garantir à mão-de-obra local um espaço cativo, seja para a reprodução do modelo global, pasteurizado e motivado exclusivamente pelo dinheiro, seja dar continuidade a um tipo de produção cultural anódina, etnicamente no mau sentido, porque imune à crítica externa.

E não se trata, por outro lado, de rebair a cultura da elite, porque incipiente e conformista, e erigir o popular candango igualmente frágil e setorizado - como novo emblema da cultura do Distrito Federal. Insisto em que aqui é o movimento contrário, da melhor promessa da internacionalização, o que se necessita para criticar e desfazer ao mesmo tempo o falso cosmopolitismo e a segregação predominantes, permitindo fundar assim a tão almejada regionalização da produção cultural.

Brasília foi criada para realizar uma utopia cosmopolita, da integração das regiões brasileiras e transcendência do regional para uma abertura ainda maior para o mundo. Ser fiel a essa utopia (e há que sê-lo, sob pena de vermos um dia consolidado, no planalto, uma anti-utopia composta de extrema segregação social e cultural, de uma simbólica autoritária do monumento às elites, de um império do mau gosto sob o qual nada se pode dizer) exige uma boa combinação de realismo e imaginação e essas qualidades são, em grande medida, resultado de um exercício coletivo de vontades, idéias, projetos, críticas e valores. Os impasses apresentados são enormes e de nada serve ocultá-los sob a bandeira de um falso otimismo; contudo, penso que há ainda um modo - o único pelo qual poderiam ser efetivamente superados - e esse seria a retomada do caminho utópico, em toda a sua extensão.

(\*) José Jorge de Carvalho é professor do Departamento de Antropologia da UnB.